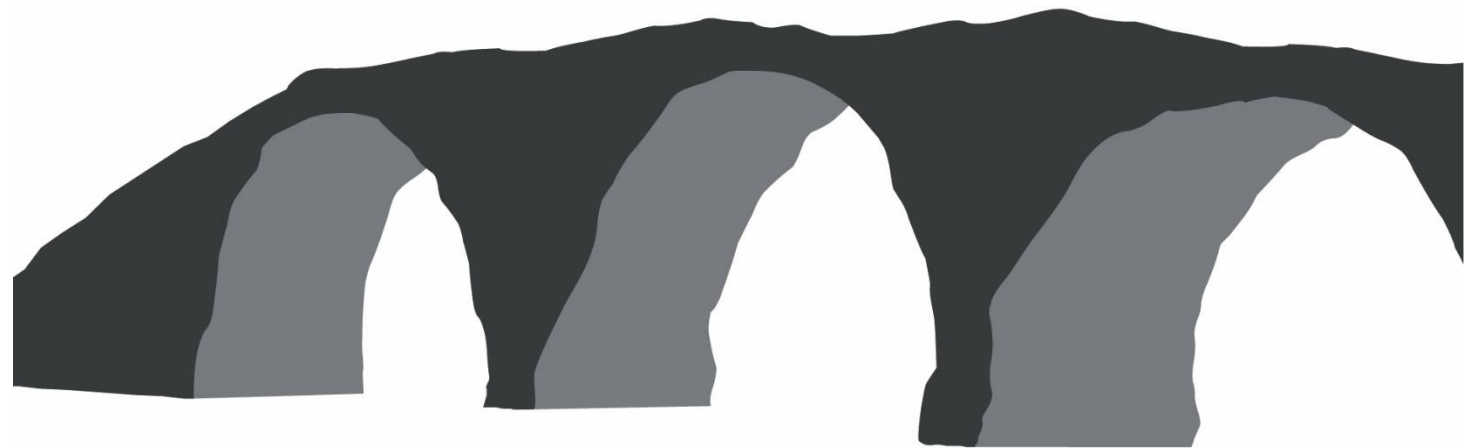
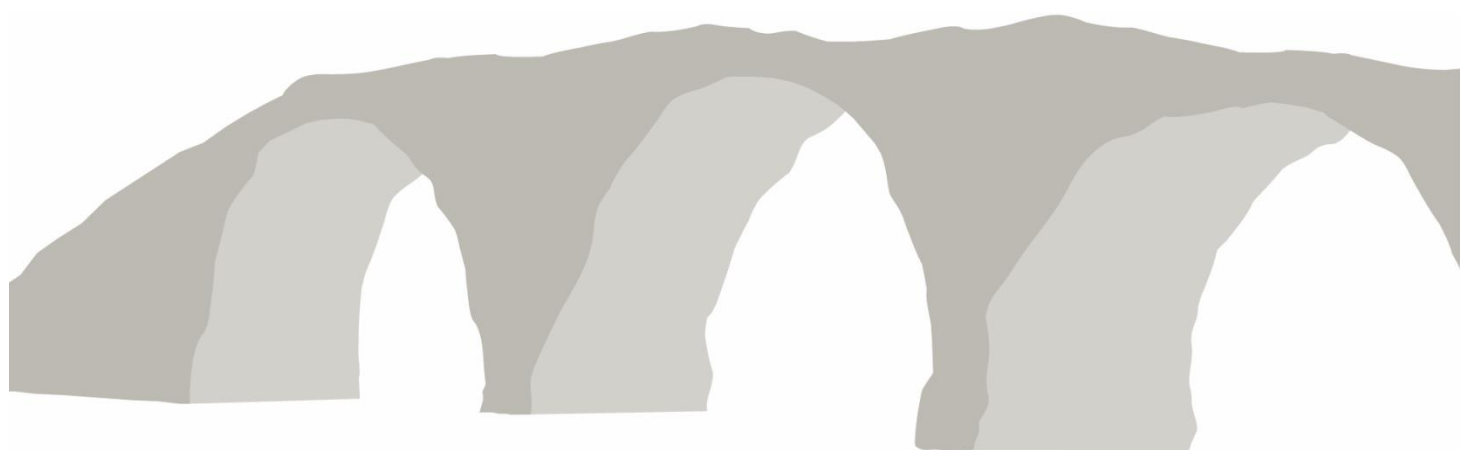


VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 20 | Número 1 | Janeiro – Junho 2026
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

NOTAS





ARQUEOLOGIA HISTÓRICA E A PRESENÇA INDÍGENA NA ÁREA DAS RUÍNAS DO ANTIGO FORTE CUMAÚ NO AMAPÁ

ARQUEOLOGÍA HISTÓRICA Y LA PRESENCIA INDÍGENA EN LAS RUINAS DEL ANTIGUO FORTE CUMAÚ EN AMAPÁ

HISTORICAL ARCHEOLOGY AND THE INDIGENOUS PRESENCE IN THE RUINS OF THE ANCIENT FORTE CUMAÚ IN AMAPÁ

Jelly Juliane Souza de Lima¹

Avelino Gambim Júnior²

RESUMO

Nos últimos anos, as pesquisas no âmbito da arqueologia histórica dedicadas aos contextos de fortificações presentes na Amazônia têm contribuído para um melhor conhecimento sobre o processo de defesa e ocupação deste território, mas destacando a presença do colonizador europeu. Esse é o caso do antigo Forte Santo Antônio de Macapá, conhecido como Forte Cumaú, localizado na margem direita do Igarapé da Fortaleza, no município de Santana, no estado do Amapá. Ao iniciarmos, em setembro de 2024, um projeto de avaliação de impacto ao patrimônio arqueológico nas proximidades deste sítio arqueológico, os dados levantados permitem situar, na história, a presença indígena por meio dos vestígios arqueológicos identificados nesse lugar, em um contexto marcado por uma história fortemente eurocêntrica.

Palavras-chave: Arqueologia histórica, Fortificação, Amapá, Povos indígenas.

¹ Universidade Federal do Maranhão, Brasil. E-mail: julianejelly@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1483-2874>.

² Universidade Federal do Maranhão, Brasil. E-mail: avgambimjunior@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3563-0574>.

RESUMEN

En los últimos años, la investigación en el contexto de la arqueología histórica dedicada a los contextos de fortificaciones presentes en la Amazonía ha contribuido a un mejor conocimiento sobre el proceso de defensa y ocupación de este territorio, pero destacando la presencia del colonizador europeo. Este es el caso del antiguo Forte Santo Antônio de Macapá, conocido como Forte Cumaú, ubicado en la orilla derecha del Igarapé da Fortaleza, en el municipio de Santana, en el estado de Amapá. Al iniciar, en septiembre de 2024, un proyecto de evaluación arqueológica cerca de este sitio arqueológico, los datos recaudados permiten situar la presencia indígena a través de las trazas arqueológicas identificadas en este lugar, en un contexto marcado por una historia fuertemente eurocéntrica.

Palabras clave: Arqueología histórica, Fortificación, Amapá, Pueblos indígenas.

ABSTRACT

In recent years, research in the context of historical archaeology dedicated to fortification contexts present in the Amazon has contributed to a better understanding of the process of defense and occupation of this territory, while highlighting the presence of the European colonizer. This is the case of the former Forte Santo Antônio de Macapá, known as Forte Cumaú, located on the right bank of the Igarapé da Fortaleza, in the municipality of Santana, in the state of Amapá. By initiating, in September 2024, an archaeological impact assessment project near this archaeological site, the data collected allow the identification of indigenous presence through the archaeological traces found in this place, in a context marked by a strongly Eurocentric history.

Keywords: Historical archaeology, Fortification, Amapá, Indigenous people.

Um dos potenciais da arqueologia amazônica são os assentamentos e as fortificações de diferentes bandeiras (Albuquerque & Lucena, 2010). No estado do Amapá, no município de Santana, na margem direita do Igarapé da Fortaleza, estão localizadas as ruínas do antigo Forte Santo Antônio de Macapá, conhecido popularmente como Forte Cumaú. Em síntese, os ingleses fundaram, em 1631, o Forte Cumaú. Em 1688, ao reconquistar a área, os portugueses reconstruíram, sobre as ruínas do Forte Cumaú, o Forte Santo Antônio de Macapá. O Forte Santo Antônio de Macapá, em 1697, foi dominado pelos franceses que desciam de Caiena, na Guiana Francesa. Em 1738, os portugueses ergueram um pequeno baluarte a cerca de 2½ léguas de distância do Forte Santo Antônio de Macapá. O Conselho Ultramarino português, em 1740, decidiu que fosse construída uma fortificação de maior envergadura, sendo essa função, mais tarde, cumprida pela Fortaleza de São José de Macapá, e o Forte Santo Antônio de Macapá, antes Forte Cumaú, passou por um processo de abandono.

Na atualidade, diferentes instituições que praticam a arqueologia concentraram-se na área onde estão inseridas as ruínas do antigo forte. O Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), coordenado pelo pesquisador Marcos Albuquerque, ao realizar uma prospecção arqueológica, registrou que parte das ruínas do antigo forte foi mutilada por ações como a retirada de terra (Albuquerque & Lucena, 2010). O Núcleo de Arqueologia do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá (IEPA) e o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) realizaram uma pesquisa na área das possíveis ruínas do forte, coordenada pelos pesquisadores Fernando Marques, João Saldanha e Mariana Cabral. A pesquisa registrou elementos estruturais do forte, vestígios europeus e indígenas, mas também possibilitou a socialização do conhecimento produzido por meio da educação patrimonial (Marques *et al.*, 2012). Apesar dessas diferentes contribuições, as pesquisas realizadas na área das ruínas do antigo forte estavam mais focadas no passado europeu que emergiu com as ações da arqueologia no entorno das ruínas.

Em 2024, no âmbito do licenciamento ambiental, os pesquisadores Jelly Lima e Avelino Gambim Júnior coordenaram o “Projeto de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na Área do Empreendimento ENASAL – Empresa de Navegação Irmãos Santana: Navios Ana Beatriz, município de Santana, estado do Amapá”. Ao iniciarmos a pesquisa de campo, também tivemos uma preocupação com as ruínas do antigo forte. No entanto, a pesquisa arqueológica que realizamos concentrou-se em uma área de pouco mais de 1.500 m² nas proximidades das ruínas do antigo forte. Nesse lugar, realizamos prospecções visuais, 58 sondagens em subsuperfície e a abertura de quatro poços-teste. Como resultado das intervenções arqueológicas, os vestígios coletados são cerâmicas indígenas, e estimamos que o sítio Morro do Forte possua uma área de aproximadamente 1.272 m².

As materialidades registradas pela pesquisa arqueológica, no âmbito do “Projeto de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na Área do Empreendimento ENASAL – Empresa de Navegação Irmãos Santana: Navios Ana Beatriz, município de Santana, Estado do Amapá”, reforçam a presença dos indígenas nas proximidades das ruínas do antigo forte. Nesse contexto, entendemos que: “O apagamento é um ato político de um grupo com a intenção de dominar ou eliminar outro por diversos meios, incluindo a manipulação das narrativas” (Noelli & Sallum, 2023, p. 117). Assim, emergiu uma narrativa histórica predominantemente europeia.

Na arqueologia histórica, os contatos entre indígenas e europeus e seu legado material na Amazônia ainda são pouco explorados como campo de pesquisa (Costa, 2017; Souza, 2017). Como parte dela, durante a socialização do conhecimento produzido pela pesquisa arqueológica, várias ações visaram dar visibilidade à presença indígena no contexto dessa história. As ações educativas permitiram a exposição dos achados

arqueológicos em escolas públicas e até na praça do bairro do Igarapé da Fortaleza, em reuniões com a associação de moradores e em ações voltadas para os trabalhadores da empresa ENASAL /Navios Ana Beatriz. Os materiais informativos, como o texto e a arte, destacaram os elementos decorativos presentes nas cerâmicas. Da mesma forma, as apresentações em eventos científicos e as publicações foram voltadas para a problematização da presença indígena nesse contexto histórico.

A presente pesquisa contou com a participação de pesquisadores da área da arqueologia e de estudantes da graduação em história e da Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), bem como da graduação em segurança pública da UNIASSELVI. Além disso, a pesquisa de campo possibilitou a formação básica em arqueologia para os auxiliares de campo. A nota de pesquisa em curso buscou compartilhar experiências do fazer arqueologia, que possui como desafio dar visibilidade à presença indígena no lugar, diante de um contexto fortemente marcado por uma história eurocêntrica. Como sugeriu Sonya Atalay (2006), é preciso fazer um ajuste de contas com as realidades silenciadas pelo colonialismo.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, M., & Lucena, V. (2010). Arqueologia amazônica: o potencial arqueológico dos assentamentos e fortificações de diferentes bandeiras. Em Pereira, E., & Guapindaia, V. (orgs.). *Arqueologia amazônica 2* (pp. 968-1019). Belém: MPEG, IPHAN, SECULT.
- Atalay, S. (2006). Indigenous archaeology as decolonizing practice. *The American Indian Quarterly*, 30(3), 280-310.
- Costa, D. M. (2017). Arqueologia histórica amazônica: entre sínteses e perspectivas. *Revista de Arqueologia*, 30(1), 154-174.
- Lima, J. J. S., & Gambim Júnior, A. (2024). *Projeto de avaliação de impacto ao patrimônio arqueológico na área portuária Irmãos Santana justaposta à área do sítio “Ruínas do Forte Cumaú”*. Macapá.
- Noelli, F. S., & Sallum, M. (2023). O apagamento dos povos indígenas nas narrativas do passado e do presente: arqueologia e história de São Paulo. *CLIO Arqueológica*, 38, 116-144.
- Marques, F. L. T., Saldanha, J. D. de M., & Cabral, M. P. (2012). *Projeto de investigação arqueológica nas possíveis “ruínas do Forte Cumaú, município de Santana, AP”*. Macapá: Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá.
- Souza, M. A. T. (2017). A arqueologia dos grupos indígenas em contextos históricos: problemas e questões. *Revista de Arqueologia*, 30(1), 144-153.